

CRÔNICAS DE JOÃO DO RIO: LEITURAS COMO PORTAS PARA A RUA
CHRONICLES BY JOÃO DO RIO: READING TO APPROACH THE STREETS

<https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2020v11n3p348-363>

Mei Hua Soares¹

Resumo: O recorte realizado neste artigo faz parte de uma pesquisa sobre crônicas e formação jornalística e consiste na observação de práticas de leitura envolvendo a obra *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio (1908), junto a turmas de Jornalismo. As leituras realizadas estão atreladas à produção de reportagens-crônicas cujo mote foi a rua. As noções de leitor, lido, leitante e lendo, apresentadas por Vincent Jouve (2002), e de *flâneur*, escriba e intérprete, por Bertrand Gervais (2004), são retomadas para pensar de que maneira a "flanação literária" pode impulsionar a "flanação de ofício".

Palavras-chave: práticas de leitura; jornalismo; *flâneur*; rua; crônica

Abstract: This article presents part of a research on chronicles reading and journalism training based on observation of reading practices of the book *The charming soul of the streets*, by João do Rio (1908), carried out with Journalism undergraduates. After the reading, students were required to write chronicle articles around the theme of *outside*. The distinct scopes of a reader, as presented by Vincent Jouve (2002) and by Bertrand Gervais (2004), are summoned to reflect upon the possibility of *literary idling* leading to *professional idling*.

Keywords: reading practices; journalism; *flâneur*; outside; chronicle.

(...) a sua perspectiva (da/do cronista) não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão.

Antonio Candido

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. (...) A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas.

João do Rio

Este artigo faz parte de uma pesquisa sobre crônicas desenvolvida junto ao Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP) da Faculdade Cásper Líbero, e é fruto de estudos do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade do Espetáculo, vinculado à mesma instituição.

¹ Doutora e Mestre pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Docente do curso de Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero e pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP) na mesma instituição. E-mail: mhua@casperlibero.edu.br

A práxis que dá suporte ao estudo diz respeito a um projeto didático interdisciplinar desenvolvido junto a turmas de primeiro ano do Curso de Comunicação Social (graduação), habilitação em Jornalismo. Realizado durante o segundo semestre de 2019, durante as aulas da disciplina de Língua Portuguesa e de Introdução ao Jornalismo: Epistemologia e Técnicas, o projeto compreendeu a leitura das crônicas do livro *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio, e a elaboração de pequenas reportagens-crônicas (impressas e audiovisuais) cujo mote foi *a rua*. A análise do corpus da pesquisa foi feita com base nas noções de leitor, lido, leitante e lendo, apresentadas por Vincent Jouve (2002), bem como nas categorias de escriba e intérprete, de Bertrand Gervais (2013). Também foram utilizados o conceito baudelairiano de *flâneur* e os apontamentos de Walter Benjamin (1994) a respeito do tema, o que fomentou a distinção entre a "flanação literária" e a "flanação de ofício".

O que pode a crônica na formação para a leitura de estudantes de Jornalismo?

Do grego *khronikós* – derivado de *khronos* (tempo), passando pelo latim *chronica* –, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados cronologicamente. Justificando o nome do gênero, os primeiros cronistas percorriam, principalmente, sobre acontecimentos históricos relacionados a pessoas importantes, como reis, imperadores, generais etc. Relatavam visitas, ordenamentos, resoluções e ações em textos que funcionavam como registros. Com o passar do tempo, as crônicas passaram por transformações em sua estrutura e conteúdo e acabaram por se reportar a assuntos mais arejados, retratando pessoas comuns, abordando questões que estão "na ordem do dia", aspectos pouco notórios, minúcias despercebidas por muitos, ou, em uma expressão, relacionada à "vida ao rés-do-chão"². Por se tratar de gênero ao mesmo tempo literário e jornalístico, é esperado que crônicas sejam lidas e trabalhadas no currículo dos cursos de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo.

A partir da leitura da obra *A alma encantadora das ruas* (1908), de João do Rio, analisou-se a representação das ruas, do espaço público, dos personagens que por elas circulam, as vozes que delas emergem segundo a concepção do autor. Os recortes temáticos, o modo como o cronista conduz a narrativa, os ângulos em que se apoia, a comicidade, a criticidade e as tessituras textuais alcançadas fizeram parte da abordagem literária da obra junto a graduandas

² Expressão cunhada por Antonio Candido (1981) para se referir à característica da crônica.

e graduandos de Jornalismo. Esteve no horizonte da proposta de pesquisa investigar se o gênero textual (jornalístico-literário) crônica permite noções ampliadas e/ou adensadas do que perpassa a rua enquanto território político, econômico, cultural e afetivo. Questionou-se se uma perspectiva formativa jornalística que incentive "sujar os sapatos" ou "cheirar o real" ainda se faz necessária, considerando-se que boa parte das apurações, entrevistas e reportagens produzidas hoje se originam a partir de fontes, entrevistas e contatos oriundos de ambientes virtuais.

O livro abordado está dividido em quatro partes: uma primeira grande crônica/conferência de 23 páginas intitulada *A rua*; um primeiro bloco nomeado *O que se vê nas ruas* (composto de 14 crônicas); um segundo chamado *Três aspectos da miséria* (composto de 6 crônicas) e uma terceira e última parte intitulada *Onde às vezes termina a rua* (composta de 6 crônicas). São ao todo 27 crônicas.

A primeira etapa do projeto consistiu em pesquisar e discorrer sobre o gênero crônica. Em seguida, foram analisadas as crônicas em seus aspectos linguísticos, estilísticos, literários e discursivos, mas não foram incluídas nas análises as reportagens-crônicas produzidas. Foram utilizados referenciais teóricos provenientes dos campos da teoria literária, do jornalismo, da sociolinguística e da análise do discurso: a literatura social, descrita e estudada por Antonio Candido (1981; 2013); o jornalismo literário segundo Edvaldo Pereira Lima (2014) e Cremilda Medina (2008); as variações diafásicas (contextuais), diatópicas (regionais), diastráticas (grupos sociais) e históricas, bem como preconceitos linguísticos, esmiuçados por Marcos Bagno (2001; 2003); e os gêneros discursivos, a estética e a arquitetura das estruturas textuais, provenientes de estudos de Mikhail Bakhtin (2003). Também nos apoiamos nas noções de campo e de *habitus*, de Pierre Bourdieu (2004); de deriva, espetacularização e de tempo pseudocíclico, de Guy Debord (1997); de público e privado, de Roberto DaMatta (1997); de memória, de Ecléa Bosi (2003); e de *flanêur* e experiência, de Walter Benjamin (1994).

Para nortear esse processo de práticas de leitura, buscou-se pensar sobre como a rua e outros espaços públicos podem incidir na formação jornalística contemporânea, e sobre como o gênero crônica, por se tratar de texto que mescla ficção e fato, pode (ou não) permitir: 1) a expressão jornalística de questões pouco aprofundadas ou reveladas em outros gêneros textuais mais formais e rígidos (como a notícia); 2) pela presença da voz do cronista, um direcionamento do olhar do leitor para as temáticas abordadas sem transformar o discurso erigido em verdades

únicas e neutras; e 3) a ampliação de perspectivas no sentido de incluir ângulos, detalhamentos e narrativas mais plurais.

Pensando a rua ontem e hoje: "flanação", memória, ofício e controle

Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo carioca. Faleceu em 1921. Conhecido por sua prosa urbana e por sua escrita detalhada, ocupou a cadeira de número 26 da Academia Brasileira de Letras, em 1910, e traduziu obras de autores como Oscar Wilde e Charles Dickens. Dentre seus feitos está a liberdade com que concebeu a fusão entre reportagem e crônica literária – fundando o gênero crônica-reportagem – para retratar um Rio de Janeiro em pleno processo de urbanização, marcando fortemente o imaginário do que foi a *belle époque*.

A alma encantadora das ruas (1908) é uma compilação dos principais textos de sua autoria publicados no jornal *Gazeta de Notícias* e na revista *Kosmos*. Depreende-se da leitura de suas crônicas um retrato social contundente e esmiuçado de um Rio de Janeiro que não figurava nos livros e documentos oficiais. A crônica *Pequenas profissões*, por exemplo, descortina uma boa gama dos trabalhos e “bicos” (biscates) que coexistiam nas ruas cariocas no início do século XX: ciganos que aplicavam pequenos golpes, catraieiros (trabalhadores que transportavam pessoas e mercadorias em pequenas embarcações), trapeiros (coletores), apanha-óculos, selistas, caçadores, ledoras de *buena dicha* e os sem ocupação. Há, inclusive, a transposição, adaptada ou ficcionalizada, de pequenos diálogos e a narração de curtos episódios envolvendo essas figuras anônimas.

A crônica *Os tatuadores*, inserida no bloco *O que se vê nas ruas*, traz à baila uma reprodução de diálogos entre pequenos tatuadores (de 12 anos), que ofereciam seus serviços nas vias públicas. Também apresenta um “estudo” sobre as tatuagens feitas na época – coroas e brasões em alusão à monarquia, sereias (para se adquirir lábia), corações, Cristos, cruzes – que discorre sobre a disposição simbólica das imagens no corpo dos tatuados (no peito, somente imagens sagradas, por exemplo). Há ainda um registro de costumes envolvendo as tatuagens feitas por mulheres que se apaixonavam. Elas tatuavam o nome do amado em alguma parte do corpo e, ao sofrerem abandono ou traição, tatuavam (agora como forma de vingança) o nome dos ex-amados no calcanhar, o que era considerado grande ofensa, já que simbolicamente estariam fadados a ter seus nomes arrastados no pó da terra e a “aguentarem” o peso do corpo das mulheres.

A crônica, portanto, apesar de na Antiguidade ter se originado de anais e registros dos feitos de grandes generais, reis e imperadores, a partir do século XIX passou a registrar (com relativa liberdade, decerto) costumes, acontecimentos e desacontecimentos vividos por pessoas comuns, ou seja, a abordar a “vida ao rés-do-chão”, como salienta Antonio Candido (1981). Nesse sentido, há textos na obra de João do Rio que revelam estereotípias e juízos de valor que, por sua vez, denotam pensamentos de época, de classe, que podem (ou não) ter se estendido até os dias atuais. Esses fatores também foram objeto de análise em sala de aula. A crônica, por sua estruturação e característica, elabora tramas que refletem o seu tempo, aquele em que foram escritas e publicadas, revelando – pela minúcia – culturas quase sempre relegadas ou renegadas em registros e histórias oficiais. Essa relação com o tempo pode ser vista à luz do conceito de “regimes de historicidade”, difundido por François Hartog (2015), o que nos auxilia a mapear e a traçar pontes entre obra e a contemporaneidade, suas representações e seus contextos de produção, tendo como perspectiva os diferentes regimes (o que gerou a obra e o agora) e o diálogo que podem travar entre si. Nos termos do autor:

Em uma acepção mais ampla, regime de historicidade serviria para designar “a modalidade de consciência de si de uma comunidade humana”. Como, retomando os termos de Lévi-Strauss (...), ela “reage” a um “grau de historicidade” idêntico para todas as sociedades. Mais precisamente, a noção devia poder fornecer um instrumento para comparar tipos de história diferentes, mas também, e mesmo primeiramente, eu acrescentaria agora, para colocar em foco modos de relação com o tempo: formas da experiência do tempo, aqui e lá, hoje e ontem. Maneiras de ser no tempo (HARTOG, 2015, p. 29).

Um dos principais objetivos do projeto envolvendo a leitura das crônicas de *A alma encantadora das ruas* era repensar a relação que desenvolvemos hoje com as ruas, seja como transeuntes, *flâneurs* ou trabalhadores e, também, refletir sobre como o regime de historicidade ao qual estamos submetidos molda essa relação por intermédio de uma “ordem do tempo”, conforme trabalhada por Hartog, no recorte que segue:

Ninguém duvida de que haja uma ordem do tempo, mais precisamente, ordens que variaram de acordo com os lugares e as épocas. Ordens tão imperiosas, em todo caso, que nos submetemos a elas sem nem mesmo perceber: sem querer ou até não querendo, sem saber ou sabendo, tanto elas são naturais. Ordens com as quais entramos em choque, caso nos esforcemos para contradizê-las. As relações que uma sociedade estabelece com o tempo parecem ser, de fato, pouco discutíveis ou quase nada negociáveis. Na palavra *ordem*, compreende-se imediatamente a sucessão e o comando: os tempos no plural, *querem* ou *não querem*; eles se *vingam* também, restabelecem uma ordem que foi perturbada, *fazem as vezes de justiça*. *Ordem do tempo* vem assim de imediato esclarecer uma expressão, talvez de início um tanto enigmática, *regimes de historicidade* (HARTOG, 2015, p.17).

A leitura de crônicas pode permitir a comparação entre diferentes regimes de historicidade, o cotejamento das forças sociais que atuavam anteriormente e que atualmente se

extinguiram ou ainda atuam, bem como ampliar possibilidades de lidar com pequenas nesgas que deixam vislumbrar rupturas diante do estado de coisas dado.

"Flanação" para quem?

O jornalista e escritor João do Rio se tornou cronista e fez da rua sua matéria-prima, conforme materializada no livro analisado. Em seu ofício, o autor trava com ela (a rua) uma postura ambígua, exercendo um papel que transita entre o que Walter Benjamin chamou de *flâneur* (conceito surgido a partir de poemas baudelairianos) e, paradoxalmente, o que a ele se contrapõe. Em seu livro *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*, Benjamin (1994) descreve e esquadrinha o sujeito que se permite caminhar pelas ruas como um andarilho sem rumo, apenas pelo prazer da observação, pelo deleite diante das surpresas e desafios que as ruas reservam (ou pelo delírio de acompanhar as massas, como no conto *O homem da multidão*, de Edgar Allan Poe³, outro autor que fez da rua personagem protagonista) e reflete sobre como isso se contrapõe à lógica capitalista.

O *flâneur*, então, pode ser visto como alguém que se permite errar, vagar, se surpreendendo com aquilo que encontra, misturando-se às pessoas desconhecidas, às rodas populares, apenas por prazer – um elogio ao ócio no bojo dos grandes centros urbanos; a *flânerie*, portanto, é para poucos – isso porque o *flâneur* pode, ainda, ser compreendido como um tipo fútil, aburguesado, que vaga pelas vias enquanto os demais (a maioria, os “comuns”) trabalham, vendem mercadorias, têm a sua mão-de-obra explorada, transformando-se eles mesmos em produtos, morando, mendigando e sobrevivendo na rua. No entanto, nas duas percepções há um lastro comum que é o de ruptura com um estado vigente, posto que o *flâneur*, de um modo ou de outro, destoa da multidão e, mesmo não rompendo com o ciclo capitalista, não se funde a ele. Benjamin compara o eu-lírico dos poemas de Baudelaire com os personagens operários de Victor Hugo⁴ para salientar diferenças entre eles. De algum modo, Benjamin põe em xeque a relação que o *flâneur* baudelairiano é capaz de travar com as ruas, salientando o caráter burguês de tais passeios a partir de crítica frente à frase proferida por Baudelaire. Nas palavras do filósofo frankfurtiano:

(...) soa obscura a seguinte frase de Baudelaire: “O prazer de se achar numa multidão é uma expressão misteriosa do gozo pela multiplicação do número”. A frase se esclarece, porém, se pensamos que não foi dita tanto do ponto de vista do ser humano como daquele da mercadoria. Na medida em que o ser humano, como força de

³ POE, Edgar A. *O Homem da multidão*. Porto Alegre: Paraula, 1993.

⁴ Walter Benjamin faz menção a *Quadros parisienses*, poemas de *Flores do mal* (1857), de Charles Baudelaire, e a *Os miseráveis* (1862), *Os trabalhadores do mar* (1866) e *Obras completas* (1880), de Victor Hugo.

trabalho, é mercadoria, não tem por certo necessidade de se imaginar no lugar da mercadoria. Quanto mais consciente se faz do modo de existir que lhe impõe a ordem produtiva, isto é, quanto mais se proletariza, tanto mais é traspassado pelo frio sopro de economia mercantil, tanto menos se sente atraído a empatizar com a mercadoria. Contudo, a classe dos pequeno-burgueses à qual pertencia Baudelaire ainda não chegara tão longe. Na escala de que tratamos agora, ela se encontrava no início do declínio (BENJAMIN, 1994, p.50).

Para este estudo, coube pensar em que medida o cronista – enquanto jornalista que necessita executar tarefas em função de seu ofício, mas também como aquele que se permite (ou se obriga a) observar as ruas e experienciá-las para depois delas depreender material para sua escrita – desempenha os dois papéis, circulando pelas duas esferas (a do ócio e a do ofício) separada ou concomitantemente. De que modo essa dupla concepção influenciaria (ou não) o seu fazer, a sua percepção, a sua prática jornalística?

Ainda cabe “sujar os sapatos” e “cheirar o real”?

Em tempos digitais, velozes e incessantes (ou pandêmicos), “sujar os sapatos”, flanando ou trabalhando, ainda é necessário na área jornalística? Escrever textos em gêneros mais livres, como a crônica, pode interferir no olhar da/do jornalista e, conseqüentemente, influir na detecção e construção de diferentes ângulos e narrativas do real?

No posfácio *Olhar insubordinado* do livro *A vida que ninguém vê* (uma reunião de perfis e crônicas publicadas no *Jornal Zero Hora*), a jornalista Eliane Brum, atualmente colunista do *El País* e colaboradora do *The Guardian*, salienta sua predileção por “histórias comuns”:

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. (...) O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto de *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício da escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma *Odisseia* (BRUM, 2006, p.187).

O jornalista e professor Edvaldo Pereira Lima, ao discorrer sobre o jornalismo literário no capítulo *Histórias com sabor e cor*, do livro *Jornalismo literário para iniciantes* (2014), assinala as sinestésias decorrentes dessa vertente jornalística e a importância da experiência sensorial do leitor, a partir da condução de quem escreve, e tem como premissa “cheirar o real”:

O jornalismo literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata. (...) na vida real, os lugares onde as coisas acontecem têm cheiro. As pessoas e objetos têm formas e tamanhos. Têm cores. Os ambientes geralmente têm sons. As pessoas falam alto ou baixo. Há ruídos em torno, barulhos distantes podem chegar até o local. Tudo isso apela para os sentidos humanos (LIMA, 2014, p.15).

O contato com a obra de João do Rio, ao longo da execução do projeto, envolveu dois eixos: 1) o da leitura literária seguida de compartilhamento de impressões de leitura, esboços analíticos, leituras complementares e debates; e 2) o eixo da elaboração de uma reportagem-crônica inspirada nas crônicas e orientada por “flanação de ofício” (um conceito paradoxal, de fato) realizada em trios, por 24 horas, nas ruas da cidade de São Paulo. As produções foram postadas em grupo fechado de rede social e, posteriormente, algumas foram selecionadas e publicadas na *Revista Esquinas*, órgão editorial experimental da faculdade.

Leitura e recepção das crônicas

As crônicas do livro foram lidas coletivamente durante as aulas de Língua Portuguesa, em voz alta, mediante pausas para elucidações, comentários e impressões de leitura sobre vocabulário, contexto da época, estilo da escrita e para eventuais comentários. O uso da voz enfatizou a necessidade de atenção para com a prosódia, a entonação, projeção vocal, articulação das sílabas e palavras, acentuação expressiva, pausas gramaticais e dramáticas e, concomitantemente, com a escuta do outro e de si. Ao mesmo tempo, a leitura em voz alta parece proporcionar maior apropriação do texto por parte do leitor, uma vez que ocorre a materialização das palavras pelos sons emitidos pelo corpo do leitor que o performa⁵. Por sua vez, a parte técnica, relacionada às estratégias de apuração e de condução jornalística, foi trabalhada durante as aulas de Introdução ao Jornalismo. As leituras se apresentaram também como preparação e sensibilização para o contato mais efetivo com as ruas, o que estava previsto desde o início do projeto.

Ao longo do ano, outras leituras literárias foram realizadas junto às turmas, mas especificamente as crônicas parecem ter despertado maior curiosidade, identificação e impulso para a “flanação de ofício”⁶ nas ruas. No entanto, o que poderia resultar em uso estritamente utilitário e engessado da obra de João do Rio, se revelou uma experiência comum que impulsionou não somente a leitura de outras obras como também o contato com as vias públicas

⁵ “A aproximação corpórea entre texto literário e leitor se dá, nessas práticas, pelo atravessamento do sujeito pela literatura. E pela atribuição de sentidos à literatura pelo leitor. Ver escrito, dizer em voz alta, ouvir, ler-reler, comentar e se apropriar aparecem como ações que conferem organicidade às leituras literárias e suposta ‘autorização’ aos envolvidos para adentrar as searas literárias com mais propriedade e legitimidade” (SOARES, 2018, p.37).

⁶ Essa é uma expressão que busca descrever e problematizar o caráter da perambulação proposta. Por se tratar de algo dirigido, apenas a “flanação” em sua acepção baudelairiana e despreziosa parece não exprimir o que foi realizado pelos graduandos, pelo contrário, se apresenta quase como seu inverso por se tratar de algo teleológico, destinado a um fim. No entanto, houve uma percepção sensorial e estranhada das ruas que, por sua vez, coexistiu com uma atividade de ofício, algo que se aproximaria do uso operário das ruas descrito por Walter Benjamin.

de modo estranhado, uma vez que a tônica da crônica é voltar o olhar para o que passa despercebido pela maioria, em um processo de desnaturalização do cotidiano. Como o impacto das leituras no outro dificilmente pode ser acessado, lançaremos mão dos títulos e de breve descrição das reportagens-crônicas produzidas pelos estudantes para buscar diálogo entre a recepção de leitura e suas possíveis reverberações na escrita.

Vincent Jouve, em seu livro *A leitura*, identifica diferentes processos que fazem parte da recepção de leitura: 1) processos neurofisiológicos (decodificação pelos olhos e pelo cérebro); 2) processos cognitivos (conversão das palavras em grupos de significação); 3) processos afetivos (as emoções despertadas, a identificação); 4) processos argumentativos (a intenção ilocutória – a vontade de agir sobre o destinatário, de modificar seu comportamento); e 5) processos simbólicos (a interação com a cultura e com os esquemas dominantes de um meio e de uma época) (JOUVE, 2002, p. 17-22). Acredita-se que todos os processos mencionados tenham se efetuado ao longo das leituras, embora a sua detecção precisa seja difícil.

Por intermédio das crônicas, houve acesso à cidade do Rio de Janeiro da *Belle Époque*, início do século XX, aos processos de urbanização, ao anseio pelo progresso, mas também à nostalgia dos músicos de rua, à pobreza aliada à esperteza dos vendedores de folhetos de reza e de livros, às tatuagens, aos caixões e à degradação dos imigrantes pelo ópio. As crônicas consistem em memórias semivivas de um passado não tão longínquo. Termos rebuscados e variações diacrônicas precisaram ser verificados e algumas práticas sociais investigadas. Paralelos com a atualidade surgiam em comentários feitos após as leituras denotando a presença dos movimentos descritos por Jouve (decodificação / atribuição de sentido / identificação / questionamento / interação). Além da menção a esses processos, Jouve identifica instâncias que convivem durante o ato de leitura:

O “ledor é definido como a parte do indivíduo que, segurando o livro nas mãos, mantém contato com o mundo exterior; o “lido”, como o inconsciente do leitor que reage às estruturas fantasmáticas do texto; e o “leitante” como a instância de secundaridade crítica que se interessa pela complexidade da obra. (...) Se o “leitante” apreende o texto em relação ao autor, o “lendo”, de fato, é essa parte do leitor aprisionada pela ilusão referencial que considera o tempo da leitura, o mundo do texto, como um mundo que existe. Esquecendo a natureza linguística do texto, ele “acredita”, por um momento, no que lhe e está sendo contado. O “lendo” é essa parte de nós que pode sucessivamente chorar a morte de Werther, dividir as angústias de Raskholnikov, ou se revoltar com Edmond Dantès contra a injustiça que lhe é feita (JOUVE, 2002, p. 50).

A aposta é que durante as práticas de leitura realizadas, as quatro instâncias tenham sido fomentadas: o “ledor” que está atento ao que lê para o grupo, a como conduz o outro pela sua

verbalização do texto, ou o ouvinte que efetua o exercício da escuta; o “lido” inconsciente, individual e coletivo, dos leitores; o “leitante” crítico, que percebe as nuances, verifica a semântica, a sintaxe, as escolhas lexicais, bem como depreende do texto cosmovisões dos autores; e o “lendo”, a sensibilização e a humanização de que falavam Umberto Eco (2003) e Candido (2013) ao abordar a formação humanizadora que a literatura pode ofertar. Por seu turno, Bernard Gervais alude a três “personagens conceituais”, ou figuras metafóricas, para se referir ao “revezamento” ocorrido durante os processos de leitura. São eles: o vagante (*flâneur*), o escriba e o intérprete, cada um responsável por etapas que se complementam e tornam a leitura (e também a escrita, segundo o autor) acessível, experienciável e compreensível, como se pode ver na citação que segue:

O *flâneur*, o escriba e o intérprete são três aspectos de um mesmo processo, funções transformadas em figuras. Eles dependem estreitamente um do outro. O intérprete não pode trabalhar sem a ajuda do escriba que, por sua vez, não sabe o que escrever se não aprende primeiro do *flâneur*. Mas, da mesma forma, o *flâneur* fica perdido em seus pensamentos, num pensar que pode até soterrá-lo, se um escriba não vier lhe estender o fio de Ariadne, o fio sem o qual nenhum discurso se desenvolve. O próprio escriba não sabe como colocar ordem nas suas coisas sem a interferência do intérprete. Juntos permitem que toda prática de escrita e de leitura possa existir, isto é, que possa ultrapassar o simples estado do possível ou da efusão informe para dar vida a um escrito, a um texto (GERVAIS, 2013, p.47).

O autor salienta, portanto, que essas três entidades devem ser acionadas e alimentadas concomitantemente, tanto na leitura quanto na escrita:

Significa que na leitura, como na escrita, é necessário não somente favorecer a compreensão e a interpretação, signos do intérprete, suscitar a atualização de significações, característica do escriba, mas ainda encorajar o devaneio e a desatenção, próprias do vagante (GERVAIS, 2013, p.48).

Nesse último recorte, Gervais evidencia o valor da errância e da flanação literárias, incentivando a sua prática. Investimos, ao longo do projeto e das aulas, na relação estabelecida entre a "flanação textual" e a "flanação materializada", relação que tanto ocorreu nas leituras quanto se realizou pelas ruas.

Lusco-fusco: indícios de leitura a partir das reportagens produzidas

Serão citados os títulos das reportagens-crônicas desenvolvidas pelos discentes, acompanhados de sintética descrição sobre como foram trabalhadas, estruturadas. Não serão analisados trechos, ou mesmo as reportagens na íntegra, uma vez que o intuito consiste em citar as resultantes obtidas e buscar pontos de contato entre os desdobramentos e as leituras feitas. Para fornecer dados sobre quais características prevaleceram na estruturação de cada reportagem, foram estabelecidas quatro categorias criadas por meio da observação e leitura

analítica dos trabalhos. Essas categorias se originaram a partir da recorrência detectada, e servem para indicar a predominância de opções de estruturação (quanto ao discurso, à estética, à estilística etc.). Algumas reportagens poderiam se enquadrar em mais de uma categoria, mas a opção foi por classificá-las de acordo com a predominância.

As categorias são: 1) Memória [MEM] (reportagens-crônicas com prevalência de dados históricos, fontes documentais, caráter memorialístico); 2) Perfil [PERF] (reportagens-crônicas que abordam as ruas e lugares de acordo com a visão de entrevistados ou que enfatizam perfis/personagens); 3) Personificação e/ou Ficcionalização [PERS/FIC] (reportagens que fizeram uso de recursos de recriação da realidade, ficcionalização ou de personificação dos lugares e ruas); e 4) Publicidade [PUBL] (reportagens que optaram por salientar benefícios ou serviços prestados pelos lugares abordados).

Apresentamos os dados gerados no quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Categorias das reportagens

	Título da reportagem-crônica produzida	Breve descrição da estruturação	Categoria
01	“Mais que resistência: Igreja da Consolação”	Entrevista com padre da Igreja da Consolação e escolha pelo tema da cidade vista por quem atua em igrejas da capital.	PERF
02	“O dia em que o Sujinho se lavou”	Narração com descrição do bar-restaurant Sujinho, um importante ponto de encontro de artistas na década de 1970.	FIC/PERS
03	“Histórias conjuntas”	Recuperação de dados históricos sobre o Conjunto Nacional, uma edificação localizada na Av. Paulista.	MEM
04	“A necrópole viva”	Entrevistas com funcionárias do Cemitério da Consolação.	PERF
05	“Passagem literária da Consolação”	Entrevista e narração sobre uma passagem subterrânea à Av. Consolação (que abriga um sebo e mostras de arte).	PERF
06	“A sétima arte em uma das esquinas mais famosas da cidade”	Recorte sobre o Cine Belas-Artes e as suas diferentes épocas, financiamentos e fachadas.	MEM
07	“O primeiro da cidade”	Abordagem sobre o primeiro fast-food McDonald’s da cidade, entrevista com funcionários.	PUBL
08	“Uma noite no Theatro”	Entrevista com pessoas no Theatro Municipal e recuperação de dados informativos e históricos.	MEM
09	“À margem do centro: histórias silenciadas pelo tempo”	Entrevista com artistas do centro de São Paulo. Canções e poemas recitados pelos entrevistados: a voz das ruas.	PERF
10	“Casa de Dona Yayá”	Recuperação de narrativas que perpassam a história do agora centro cultural.	MEM

11	“Mira: as novas cores do Mirante 9 de Julho”	Narração em 1ª pessoa do lugar que reconta sua história.	PERS/ FIC
12	“Beleza, sentimento e arte no Cemitério da Consolação”	Narrativas envolvendo o Cemitério da Consolação.	PERF
13	“Theatro Municipal: o acesso à cultura”	Entrevista com frequentadores e funcionários do Theatro Municipal de SP.	PERF
14	“Reconhecendo as bancas de jornal da Paulista”	Entrevistas com donos de todas as bancas localizadas na Av. Paulista.	PERF
15	“Para além dos livros”	Narrativas sobre o Sebo do Messias, um dos mais conhecidos sebos da cidade. Estruturação a partir de leitura de carta romântica encontrada em um dos livros abertos ao acaso.	PERS/ FIC
16	“O sentido contrário das ruas: um passeio procurando aqueles que desafiam a lei da pressa paulista”	Ênfase audiovisual na abordagem sobre as pessoas que transitam pela Avenida Paulista.	PERS/ FIC
17	“A Casa das Rosas: a alma da poesia paulistana”	Entrevistas e narrativas sobre a Casa das Rosas, um casa de cultura de SP.	MEM
18	“Os tempos do Conjunto Nacional ou do Alemão”	Abordagem sobre o Conjunto Nacional a partir do olhar do engraxate Alemão que lá trabalha.	PERF
19	“A história de Salvador das Neves, o jornalista mais antigo de São Paulo”	Entrevista com o jornalista que trabalha há 45 anos em banca na Avenida Paulista.	PERF
20	“As múltiplas faces de Maria Luiza”	Reportagem a partir de entrevistas e da personificação de uma linha de ônibus (Jardim Maria Luiza) que atravessa a cidade (centro-periferia).	PERS/ FIC
21	“Passagem literária da Consolação: um pedaço de paz escondido na selva de pedra”	Entrevistas com frequentadores e trabalhadores do local, uma passagem subterrânea da Avenida Consolação.	PERF
22	“A morte que ronda o Edifício Martinelli”	Ênfase em narrativa literária e enigmática para abordar as histórias contadas sobre o Edifício Martinelli, localizado no centro de SP.	PERS/ FIC
23	“Japan House: um intercâmbio cultural entre o Japão e o resto do mundo”	Abordagem sobre a casa cultural japonesa localizada na Avenida Paulista.	PUBL
25	“De Mirante a Mira”	Entrevistas com trabalhadoras do Mira, um bar-restaurant localizado nos arredores da Avenida Paulista.	PERF
26	“Riviera, o passado te nomeia um dos grandes”	Abordagem sobre o famoso boteco de São Paulo, frequentado em outras épocas por cartunistas e artistas diversos.	MEM
27	“Casa das Rosas”	Entrevista com arquiteta sobre o estilo arquitetônico da casa de cultura e com um frequentador.	PERF
28	“A jovem senhora da Avenida Paulista”	Entrevista com o diretor da Casa das Rosas, Marcelo Tapiá, e uso da personificação da casa.	PERS/ FIC
29	“Sé: segregação ou acolhimento?”	Entrevistas com pessoas que vivem ou trabalham na Praça da Sé, centro de SP.	PERF

30	“Augusta: a rua que ferve”	Entrevistas com um rapaz em situação de rua e com um cabeleireiro cujo salão está localizado na Rua Augusta.	PERF
31	“Quem vive na Vila Madalena atípica?”	Entrevista com Tigrão, um trabalhador da segurança de um dos restaurantes e lojas da Vila Madalena.	PERF
32	“As sarjetas da Rua Augusta: sobre o ato de cuspir no prato em que como”	Abordagem a partir das sarjetas, ênfase na crônica.	PERS/ FIC
33	“Augusta e suas perspectivas”	Abordagem sobre a Rua Augusta a partir de entrevistas com uma mulher trans (que canta espontaneamente) e com um pai de família e seu filho que procuram alimento.	PERF
34	“Vai no Bixiga pra ver”	Entrevistas com dono de restaurante e depoimentos de frequentadores do bairro Bela Vista (Bixiga).	PERF
35	“As vozes da Rua Engenheiro Monlevade”	Entrevistas com trabalhadores e frequentadores do bar-restaurant Mira. Ênfase no audiovisual.	PERF
36	“Reciclando esperanças”	Entrevistas com coletores de uma associação localizada na Rua São Paulo.	PERF
37	“De cima a baixo da Pacaembu”	Personificação da Avenida Pacaembu e recuperação de dados e fatos históricos sobre ela.	MEM
38	“Oscar Freire-Bomba”	Entrevista com o segurança de lojas Marques-Bomba e abordagem da rua citada a partir da ótica do trabalhador.	PERF
39	“Treze de Maio”	Narrativas e depoimentos sobre a rua tradicionalmente ocupada por italianos no bairro do Bixiga.	PERF
40	“Oscar Freire: entre o lazer e o trabalho”	Recuperação de dados históricos sobre a rua e entrevista com trabalhadores da rua paulistana famosa por lojas de luxo.	PERF
41	“Avenida Dr. Arnaldo: pra não dizer que não falei das flores”	Abordagem sobre a avenida paulistana que comporta três cemitérios.	MEM
42	“Uma avenida e muitas personagens para se ouvir: sinte a Brigadeiro Luís Antônio”	Entrevista com trabalhadores de sebo, de bancas localizadas na avenida citada.	PERF
43	“Quantas histórias somos capazes de encontrar na Rua Capote Valente?”	Entrevistas-conversas com frequentadoras e moradoras da Rua Capote Valente.	PERF
44	“Os pés que se cruzam na Jaú”	Narrativas a partir de entrevistas com pessoas que trabalham na Alameda Jaú (costureiras, por exemplo).	PERF
45	“Qual história a Rua Pamplona pode nos contar?”	Narração sobre histórias envolvendo a rua Pamplona sem falas diretas de entrevistadas.	PERS/ FIC
46	“Rua dos Pinheiros”	Entrevistas diversas com frequentadores, moradores e trabalhadores da Rua dos Pinheiros.	PERF
47	“13 de Maio”	Narração sem entrevistas enfatizando fatos históricos da rua do Bixiga.	MEM
48	“Galvão Bueno”	Recuperação de dados e fatos históricos envolvendo a rua do bairro de imigração japonesa	MEM

		(Liberdade) mencionada e analogia com o cineasta Akira Kurosawa.	
49	“Brooklin: a linha lilás e suas consequências”	Entrevistas junto a usuários do metrô e alusão a letras de rap.	PERF
50	“Histórias por trás da Avenida Cásper Líbero”	Ênfase narrativa e poética para abordar as histórias sobre a rua mencionada.	MEM
51	“Mira e seu reflexos particulares da sociedade”	Ênfase poética e narrativa para discorrer sobre o Mirante 9 de Julho.	PUBL
52	“Faria Lima”	Entrevistas com transeuntes da Avenida Faria Lima.	PERF
53	“Rua Javari: mais que uma rua de estádio”	Entrevista com funcionários e frequentadores do Clube Juventus, localizado na Javari (bairro da Mooca).	PERF
54	“Rua Galvão Bueno: imersão na Ásia em meio ao centro de SP”	Entrevista com artistas de rua, cantores da rua localizada no bairro Liberdade, marcado pela imigração oriental.	PERF
55	“Maria Antônia: da resistência ao ébrio”	Entrevistas diversas com dono de bar, frequentadores, transeuntes na rua que abriga o Centro Maria Antônia (local histórico de resistência durante a ditadura civil-militar).	MEM
56	“As faces da Jaú”	Entrevistas com diferentes moradores, trabalhadores da rua mencionada. Tratamento literário na abordagem.	PERF
57	“Rua Oscar Freire”	Narrativas e dados sobre a Rua Oscar Freire.	MEM

Fonte: Elaborado pela autora

As turmas matutinas receberam como proposta lidar com algum lugar da cidade, ao passo que as noturnas precisavam se reportar especificamente a alguma rua ou avenida. A princípio, um perímetro urbano foi delimitado, mas, durante a execução dos trabalhos, isso foi flexibilizado.

Algumas reportagens se ativeram a fontes documentais e a fotos que revelavam a história dos lugares. Outras ficaram marcadas por abordagens mais criativas. A recuperação da memória de um bairro, de uma rua e suas transformações, o tratamento ficcional de dados, bem como a ênfase na memória oral, proveniente de fatos e narrativas coletadas junto a moradores, donos de comércio, trabalhadores que se relacionavam de alguma maneira com a rua ou o local reportado foram a tônica das reportagens. Um número reduzido de textos apresentou traços mais publicitários em sua construção. Um apelo maior às conveniências dos serviços e produtos ofertados soou menos jornalístico e mais mercadológico em alguns recortes. Porém, essa opção também se revelou formativa, na medida em que fez perceber as nuances que cada texto pode adquirir dependendo da condução e do viés adotados.

Surprenderam-nos algumas estratégias de estruturação como a personificação da Casa das Rosas, de uma linha de ônibus (Jardim Maria Luiza), ou o suspense no tratamento textual da reportagem sobre o Edifício Martinelli, famoso por suas histórias exóticas e macabras.

Emocionaram-nos os diálogos travados com pessoas simples, trabalhadores de cemitérios, jovens em situação de rua, pais de família, à noite, buscando sustento com seus filhos no colo, e a mulher trans que quis cantar uma música que a representa para seus entrevistadores. Foram diversas as “soluções” encontradas pelos estudantes de jornalismo que se dispuseram a olhar com mais vagar e atenção as ruas e quem por elas passasse, que nelas reside ou a elas se achegasse. É muito provável que os caminhos e descaminhos trilhados por eles tenham contribuído em sua formação, literária, técnica e de vida. Escutar as vozes das ruas, sentir o seu cheiro, triscar em seus perigos e, ainda assim, se deixar envolver pela pluralidade são práticas que podem se aplicar tanto à "flanação literária" quanto à "flanação rueira".

Algumas considerações

As especificidades envolvidas neste trabalho de pesquisa ofereceram possibilidades de reflexão a respeito do fenômeno leitura (aqui em diálogo com a escrita). As figuras metafóricas e categorias de dois diferentes autores – Vincent Jouve e Bertrand Gervais – que se reportaram ao processo de leitura, parecem encontrar correspondência na prática de flanação⁷ proposta como atividade de percepção e de produção textual junto a graduandos de Comunicação Social – Jornalismo. A leitura errante das crônicas de João do Rio – em voz alta, performadas, seguidas de diálogos e debate – parece ter favorecido a errância nas ruas, à medida que a captura de impressões e as percepções organizadas a partir das vivências com e na rua encontraram paralelo respectivamente nas instâncias do lido e do leitante (Jouve) ou nas figuras do intérprete e do escriba (Gervais).

Apostando ainda nessa hipótese de correspondência, talvez a leitura de crônicas possa impulsionar outros modos de se relacionar com as vias públicas, com as pessoas comuns que nelas circulam, com as miudezas do cotidiano, desembotando ou aguçando, assim, o olhar, a escuta e outros sentidos das futuras e dos futuros jornalistas, comunicadores e educadores.

Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. *A norma culta – língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

⁷ Adaptação para o português do termo *flânerie*.

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *A norma culta – língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória – ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: ANDRADE, Carlos Drummond [et. Al.] *Para gostar de ler* (Vol.5). São Paulo: Ática, 1981.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013. pp. 171-193.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GERVAIS, Bertrand. Três personagens em busca de leitores: uma fábula. In: ROUXEL, A., LANGLADE, G., REZENDE, N. L. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. pp.39-51.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade – presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- MEDINA, Cremilda. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SOARES, Mei Hua. A personagem de ficção e a reportagem. *Letras De Hoje*, 52(2), 206-213. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2017.2.26025>

Recebido em 17 de julho de 2020.

Aceito em 23 de outubro de 2020.